

FORMATURA DO CURSO DE ALTOS ESTUDOS DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA

Palavras do Ministro da Defesa, Celso Amorim, na Escola Superior de Guerra

Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 2013

Excelentíssimo Senhor Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto,

Excelentíssimo Senhor Comandante do Exército Brasileiro, General de Exército Enzo Martins Peri,

Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral do Ministério da Defesa, Ari Matos,

Excelentíssimo Senhor Almirante-de-Esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira, Comandante Escola Superior de Guerra,

Senhores membros do Alto Comando do Exército e da Aeronáutica,

Senhores oficiais generais,

Senhoras e senhores convidados,

Doutor José Geraldo, orador,

Almirante Dalva, primeira general-oficial das Forças Armadas Brasileiras, em nome de quem cumprimento todos os demais estagiários dessa turma.

Essa cerimônia hoje está cercada de vários fatores que nos fazem ter alguma reflexão. Em primeiro lugar, um minuto de silêncio pelo qual celebramos a memória de, seguramente, um dos maiores homens dos últimos 100 anos, Nelson Mandela. Um homem que soube lutar pela igualdade, que soube lutar pela justiça, mas que soube fazê-lo também com grande sentido de humanidade, com grande capacidade de conciliação, com grande sentido de perdão.

Eu tive a honra de, como ministro das Relações Exteriores do governo Itamar Franco, ter sido designado para representar o Brasil na cerimônia de posse de Nelson Mandela. E uma das cenas que mais me impressionou naquele momento em que se celebrava a libertação, pode-se dizer, do país da África do Sul, quando seu povo se tornou verdadeiramente independente e autônomo – e que talvez tenha se tornado comum, porque ela foi exibida em filmes e documentários depois – foi o momento em que ele recebeu os carcereiros. Eu acho que aquela foi uma demonstração de humanidade fora do comum, que eu não poderia imaginar para um momento daquele. Normalmente você esperaria, se não um sentimento menor – digamos, de revanchismo, de vingança –, uma certa resistência em relação a tudo que ele havia passado. E essa capacidade de ver o relacionamento humano para além das situações

que muitas vezes se criam foi algo extraordinário, que me impressionou muito. E acho que é importante registrar algo bonito como isso num dia como esse de hoje.

O segundo aspecto que me torna também mais complexa essa tarefa das palavras finais é derivada dos excelentes dons oratórios do orador da turma, com os quais eu não procurarei rivalizar, naturalmente, mas tenho medo que meu discurso fique não só sisudo, mas um pouco fastidioso à luz das palavras tão interessantes, tão inspiradas e cheias desse calor humano que, eu vejo, perpassa essa turma do CAEPE, que hoje ficou especialmente expresso.

E isso me leva a uma terceira consideração, que eu também não havia planejado fazer, mas que é cumprimentar a direção da Escola e todos que participam dela pela maneira como seleciona as pessoas que aqui estão presentes, porque aqui nós temos a verdadeira representação da diversidade do Brasil, e ainda mais enriquecida com pessoas de outras nacionalidades, da América do Sul, da África, dos Estados Unidos, que vêm trazer ainda mais contribuições, não só com conhecimento, mas com sua visão de humanidade. E é por isso que uma Escola Superior de Guerra – porque nós necessitamos, como foi muito bem lembrado aqui, nos preparar para qualquer eventualidade – é também uma Escola Superior de Paz. E eu queria cumprimentar a direção da Escola e todos os que participam desse esforço por esse fato tão excepcional.

Eu acho que, diante do que foi dito antes pelo orador e pelo nosso Comandante da Escola, Almirante Leal Ferreira, talvez um discurso preparado, ainda que com conceitos, a meu ver, corretos, que podem até entrar numa publicação, seria um ponto redundante. Mas eu vou me ater a duas ou três questões que me parecem importante.

A primeira é a relação do momento que nós vivemos entre a Defesa e a Democracia. Eu acho que isso é muito importante, porque durante algum tempo no Brasil, por circunstâncias várias que não nos cabem analisar, essas coisas pareciam ser contraditórias, e frequentemente ainda se ouve expressões que denotam no subconsciente uma certa contradição. E eu acho que nós estamos superando isso plenamente. Eu acho que o fato de nós termos uma Estratégia Nacional de Defesa, uma Política Nacional de Defesa e um Livro Branco que foram aprovados inclusive pelo Congresso Nacional depois de um amplo debate, demonstram que a Defesa é e deve ser uma preocupação da sociedade. A Defesa não é só dos militares, não é só do Estado, não é só do governo. Ela é da sociedade como um todo. E essa compreensão eu vejo refletida na variedade de pessoas, no grande número de mulheres, o que também é um fato alvissareiro nessa turma. A variedade não só de proveniências geográficas, mas de proveniências em termos profissionais dos componentes do curso. Tudo isso nos faz crer que superamos esse momento da dúvida entre a compatibilidade da necessidade da Defesa e a Democracia. É dentro dessa democracia que nós queremos que o Brasil compreenda que a Defesa – da mesma maneira que a educação, saúde e outras áreas igualmente importantes – é essencial ao país.

É dentro dessa discussão que nós temos que compreender que, como já foi dito pelo orador – e eu agradeço a citação que muito me honra – um país pacífico não pode ser um país indefeso. E o Brasil não quer ser apenas um país pacífico. Eu tenho dito algumas vezes: o Brasil quer ser um país provedor de paz. E o país provedor de paz tem que fazer isso de várias formas. Uma delas, e a principal, é mantendo a paz com os outros vizinhos. E realmente o nosso trabalho tem sido de construção de um cinturão de paz e de boa vontade na nossa região, através da compreensão, sem nenhuma pretensão hegemônica, através do respeito, independentemente do tamanho do país. Temos estendido muito essa visão dos nossos vizinhos com outros países, sobretudo com os países africanos que são também nossos vizinhos. E temos também tentado e trabalhado para aumentar esse sentido de cooperação com outros países, dos vários quadrantes: Estados Unidos, países europeus, países dos Brics e outros países do mundo. Até

porque, se me permitirem aqui uma incursão pelo lado um pouco mais humorístico – seguindo o exemplo do nosso orador –, como ministro das Relações Exteriores, eu dizia muito, sempre que minha mulher não estava perto, que, nas relações internacionais, a monogamia não é uma virtude. Então, acho que nós temos que ampliar sempre essa capacidade de nos relacionar, e acho que esse curso é também um exemplo disso.

Mas é verdade também que, infelizmente, nós vivemos num mundo cheio de incertezas, um mundo em que não se pode considerar que a paz seja algo seguro e garantido. E por isso nós temos que estar preparados para nos defender. Não creio que dos nossos vizinhos. Aqui, acho que a paz vigorará de maneira cada vez mais forte. E acho que podemos dizer que estamos construindo na América do Sul – e espero que isso se estenda à África, sobretudo a costa ocidental da África, e ao resto da América Latina – uma comunidade de paz e segurança em que a guerra é impensável.

Mas infelizmente nós sabemos que vivemos num mundo em que ainda há choques de interesses, em que os Estados procuram realizar seus interesses e que em certas situações eles podem procurar realizar esses interesses de maneira não pacífica. E para que isso não ocorra e não nos afete, ou nos afete minimamente, temos que estar preparados. Precisamos ter pessoas treinadas, doutrinas bem desenvolvidas, como ocorre aqui na Escola Superior de Guerra, e também equipamentos que tornem cara alguma aventura. Essa é a essência da dissuasão. E temos visto até mais recentemente, em função de revelações recentes, que até domínios novos estão sendo objetos de intrusões que podem ser ameaçadoras, como é o caso da cibernética – e temos também que estar preparados para isso. Até sugerira que a Escola Superior de Guerra pudesse, se é que ela não fez, também organizar seminários sobre esse aspecto.

Então, eu queria, acima de tudo, agradecer a todos pela contribuição que deram. Registrar e ao mesmo tempo agradecer esse espírito de companheirismo que se estabeleceu em nessa turma, que hoje foi expresso de maneira muito eloquente, e dizer que é pra mim motivo de grande orgulho estar aqui hoje com todos e com todas, num momento tão importante da vida de cada um.

Tenho certeza de que levarão daqui não só sentimentos nobres, amizades consolidadas, mas também essa noção de que o Brasil será cada vez melhor e cada vez maior quanto mais nos dedicarmos a ele em todos os sentidos.

Muito obrigado.